Ano 4.º — Aveiro, 30 de Abril de 1914 — Numero 166

A LIBERDADE

REPUBLICANO-DEMOCRATICO

Propriedade da Empreza A LIBERDADE

Director—ALBERTO SOUTO

Administração e Edição do DIRECTOR

Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro*

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Do Parlamento

Digâmos as rasões do que num dos nossos ultimos numeros dissemos.

Fazemo-lo com magua. O nosso maior desejo seria que a nenhuma instituição da Republica se podessem imputar erros graves e principalmente que jámais tivessemos que imputar ao primeiro Parlamento do novo regimen, faltas da natureza daquelas que no palacio de S. Bento os nossos parlamentares teem cometido.

Julgamos absolutamente prejudicial o abuso da oratoria, até mesmo da boa oratoria, a dentro das camaras legislativas. A eloquencia deve guardar-se ali apenas para os grandes debates, para aqueles debates em que rasoavelmente só se admite e tolera a entrada em liça de tres ou quatro dos contendores da tribuna.

Se o abuso da verdadeira eloquencia, pelas rasões que expozémos, é absolutamente intoleravel, o abuso da oratoria mediocre, da mania tribunicia, da verborreia parlamentar, então, chega a ser um verdadeiro crime.

Perdem-se as ideias mais sensatas, dissociam-se as vontades mais intencionadas, esgota-se a paciencia, embota-se o desejo de trabalhar e o interesse pelos assuntos de verdadeira importancia, cança-se e inerva-se o parlamento, cança-se e aborrece-se a opinião e nada de positivo, perfeito e util se alcança.

Ora deste mal teem enfermado muito as nossas duas casas do Parlamento.

Teem-se ali passado mezes seguidos sem nada se produzir de largo alcance para bem do progresso geral do paiz, perdendo-se sessões seguidas em incidentes, questiunculas e discussões verdadeiramente estereis e ridiculas por vezes.

—Não se permita tal coisa! grita o publico quasi indignado.

E' bom de dizer. Mas os direitos sagrados dos oradores? mas a liberdade da palavra? mas as regalias que concedem a Constituição e o regimento?

Uma unica forma haveria de obstar a esse mal, que estamos fartos de ver minar o prestigio das nossas instituições parlamentares: a de se guiarem por um criterio diferente e mais sisudo aqueles que tomarem assento nas Camaras.

* * *

Mas o peor mal deste Parlamento tem sido, devemos confessa-lo, a indisciplina e a falta de respeito de muitos dos seus membros pela instituição parlamentar.

Poderemos intender mal e poderão apodar de aconselheirada a nossa maneira de ver, mas a verdade é que nós não compreendemos Parlamento sem um grande e quasi severo respeito pela sua missão e por si mesmo.

Um parlamento não é uma das nossas sempre saudosas reuniões de estudantes, nem uma assembleia geral de um club ou sociedade muzical.

O Parlamento não é um centro, um gremio, uma associação, um comicio, onde a nossa entrada ou saída, a nossa atitude, a nossa compostura, defendam apenas da nossa vontade ou do nosso capricho de sermos ou não sermos socios, de aplaudirmos ou represarmos, de sermos corretos ou não.

Aqueles que teem assento no Parlamento, não estão lá a representar-se a si proprios, não estão numa associação para que pagam a sua quota, nem numa vulgar e sempre picaresca reunião academica.

O representante da Nação que falta ao respeito ao Parlamento, não abala com esse facto uma obra sua: ofende a nação inteira ali representada, sem a qual ele, por muito que fosse, nada seria.

Ora ao respeito devido ao Parlamento temos nós visto faltarem muitas e muitas vezes muitos parlamentares.

A incorreção de gestos e frases tornou-se coisa vulgar.

As discussões transformaram-se muitas vezes em torneios de piadas e ditos chistosos e em series de descomposturas daquelas de que se conta fazerem tremer Troia.

Tem havido quem, em plena sessão, ponha o seu chapeu na cabeça como uma provocação aos adversarios e á meza e como uma manifestação de desprezo pela camara, desprezo que se não justifica pelo seu regresso seguinte aos trabalhos parlamentares.

Dentro das salas das sessões teem-se proferido contra o proprio parlamentar improperios enormes e digam-nos, então, se tudo isto não é despretigiante para a Representação Nacional?!

E digam-nos então se alguma coisa poderá fazer maior mal ao regimen?!

E digam-nos então se com isto sofre pouco a Republica?!

CÁVEIRAS

Diz-nos um jornal de Bordeus, que naquela bela cidade francêsa, lavra um verdadeiro panico por causa de umas estranhas encomendas postais que ultimamente ali se teem recebido.

Ha tempos um barbeiro recebia pelo correio uma caixa que ao abrir, lhe deixou caír nas mãos, nem mais nem menos que uma caveira humana.

O facto não teria importancia de maior, se o desconhecido autor da partida não continuasse a remeter craneos para Bordeus.

Mas um sem numero de pessoas d'ali começaram a receber a mesma estravagante encomenda postal e imaginem os senhores que se produziu um alarme de tal ordem, que em Bordeus ninguem quer abrir encomendas postais com medo de lhe saír... uma caveira!

Como a historia não vem da America, mas sim do Midi de França, podem os leitores acreditar e dormir descansados. Cá no paiz as caveiras que mais facilmente se encontram, são as de burro.

E infelizmente, é rara a pessoa tão feliz que não tenha achado caveira de burro em qualquer coisa, principalmente na loteria.

Conhecemos mesmo muita gente que tem armazenado tantas caveiras de burro, que se destas fossem as recebidas em Bordeus, não podia haver duvidas ácerca do autor da partida—era algum desses desgraçados *jetattores* que sempre que abrem a caixa onde encerraram alguma aspiração encontraram—uma caveira de burro!

O exercito dos mal-casados

A maquina de divorciar na maravilhosa America, produziu desde 1867 até 1914 nada menos de dois milhões de divorcios!

Como em cada divorcio ha duas pessoas a divorciarem-se, segue-se que tem havido lá quatro milhões de esposos que se não deram bem com o casamento.

Se se puzessem estes mal casados em fila e linha réta, um a um, o seu formidando exercito, maior que todos os de Napoleão, Cesar e Alexandre juntos, estender-se-ia por um percurso de 800 milhas.

Chegaria de New-York a Chicago ou de Roterdam a Roma, por exemplo e bastaria para substituir toda a população maior de um paiz como Portugal.

Mas o que seria desta gente sem a lei do divorcio?!

Irribus! que mesmo assim, com divorcio e tudo, a leitura de semelhante estatistica é caso para os solteirinhos esfregarem as mãos e para as solteironas se levarem de setecentos mil diabos.

VARIA

Em Alcabideche, perto de Cascaes, a mesquinhissima politica de campanario, com as suas rixas, mexericos, odios e mizerias, redundou no assassinato de um homem.

O assassinado não era dos melhores, segundo parece. Cocheiro, espadaúdo, atrevido, chefiava no burgo o grupo almeidista.

As questões lá da politica resolvia-as de vez em quando a cacete e ainda dias antes tinha posto num feixe as costelas de um vereador com quem andava de birra.

Por outro lado os seus rivais democraticos, não eram certamente de melhor cêpa. De tempos a tempos armavam balburdia e faziam das suas muito honradamente.

De tal raça esta republicana politica de Alcabideche, que nem ficaria mal num burgo politiqueiro dos tempos em que na monarquia progressistas e regeneradores liquidavam a cacete as diferenças eleiçoeiras, vem mal ficaria engastada num daqueles volumes de Camilo em que ele nos conta as espantosas coisas das lutas sertanejas beirôas ou transmontanas.

De tal raça esta politica de Alcabideche que se encontrassemos enxertada nos tempos de Rodrigo da Fonseca não a achariamos fóra do tempo e da moda.

De tal raça, emfim, que desbastar os lombos de um e zagalotear o arcaboiço de outro foi para ela coisa tão simples como a qualquer de nós seria beber um copo de agua fresca num dia de calmaria.

Tambem tinha um jornal, a politica de Alcabideche. E o jornal, certamente redigido pelos mesmos esbrazeados politicos, refletia esse estudo de espirito e essa bravia exaltação que deu logar aos sangrentos acontecimentos de agora.

Os efeitos da politica pequenina, feita de intrigas e feita de mizerias, estão bem patentes. Seja onde fôr que a encontremos, essa politica de aldeia, que vive dos ralhos das comadres e das picardices dos antagonistas, só funestos resultados produz.

Jámais dessa politica saíu obra meritoria, pensamento elevado, cruzada generosa.

Falta-lhe a fé dos grandes ideais e a grandeza das luminosas concepções.

O ideal dos grandes partidos ou dos movimentos nacionais, chega lá e abastarda-se, enovela-se, emboita-se na sordidez dos odios pessoais.

E'-se de um partido porque o inimigo antigo ou rival moderno se juntou ao partido contrario.

Se um mudar, muda o outro, porque juntos não podem viver em campo algum, aqueles que deixaram crescer dentro de si a grosseira bestialidade ou a mesquinhissima inveja que só alimenta rancores e engendra maldades.

O que um fizer de util, acha-o o outro detestavel e vice-versa. Se este fizer uma fonte na aldeia onde se morre é sêde, aquele vai destruila para que não perdure a obra do seu inimigo.

E se, passado mezes, o que hoje a destruiu a reconstruir, hipocritamente, só para mostrar valimento, na primeira noute em que mal a aldeia se precate, la vai o outro botar abaixo a obra para que primeiramente concorrera.

Depois são os ditos da esquina, as descomposturas das mulheres, a intriga á redea solta, as represalias e as perseguições num cortejo infinito de negregada inspiração.

Depois são as correspondencias nos jornais e então a imprensa—*esta alavanca do progresso!!!*—transforma-se no mais abjeto e replente dos instrumentos da dissolução e da maldade.

Por fim uma trepa, uma cacetada, uma espera, e quando não é um fogo posto ou uma vinha cortada, é o que sucedeu com a politica de Alcabideche—um arraial de bordoada nas costas de um vereador pelo cocheiro almeidista ou uma descarga á quiema roupa mandada ao peito do cocheiro por outros vultos de egual força e jaez

Ora digam-nos cá todos os politicos do genero dos de Alcabideche: não seria bem melhor que todos estes homens andassem empenhados numa obra de verdadeira utilidade e alcance para a sua aldeiasinha ou para a sua Patria?

Melhor seria, sem duvida, porque alguma coisa de bem teriam por certo feito e não teriamos a lamentar agora mais umas poucas de desgraças.

E lembrar-se a gente!...

A condenação á morte pelos tribunais inglêses do desgraçado Oliveira Coelho que num momento de alucinação matou a bordo do paquete *Deseado* e mulher com quem vivia, por motivo de ciumes, produziu em Portugal uma impressão formidavel.

Foi um espanto geral, vêr-se como os tribunais de Inglaterra proferem uma sentença capital num espaço de tempo tão curto que se tornava absolutamente impossivel, materialmente impossivel, averiguar toda a verdade ácerca do crime e dos antecedentes que o determinaram.

Demais, parece que uma sentença destas contra um subdito de uma nação onde não ha a pena de morte e que foi declarado irresponsavel pelos medicos que o examinaram, devia merecer mais cuidados e escrupulos aos magistrados britanicos.

Pois não; e a despeito de tudo, do parecer dos medicos, das circunstancias em que o facto se deu, das duvidas sobre a competencia do tribunal etc. a magistratura ingleza, num abrir e fechar de olhos manda á forca um nosso compatriota!

O caso chega a ser deshumano. O caso estravagante chega a revoltar, porque representa uma barbaridade.

E foi da Inglaterra que assim trata os reus naturais de um paiz alheio, que assim atira para o cadafalso a vida de um desgraçado, que assim despreza num julgamento todas as circunstancias atenuantes, que saíu a duqueza de Belford clamando contra o tratamento e julgamento dos presos em Portugal!

E foi em Inglaterra que se fez contra nós, por esse motivo, uma acintosa campanha!

E foi em Inglaterra que portuguêses degenerados quizeram levantar a opinião contra a Justiça do nosso paiz!

A guerra do Mexico

Finalmente, depois de um sem numero de desconsiderações, os Estados Unidos decidiram-se a intervir no Mexico. Mas custou. As esquadras norte-americanas bombardeiam as cidades da costa onde os soldados desembarcados vão fazendo ocupações e os mexicanos vão organisando a resistencia que parece vai ser tenaz e heroica.

Um exemplo soberbo deram, entretanto, os mexicanos, que tão mal vistos estavam pela opinião mundial e que agora lhes conquistou simpatias—uniram-se todos, dando treguas ás suas lutas internas, para combaterem o invazor.

E Huerta, o teimoso e sinistro presidente, resignou o seu cargo para não levantar mais dificuldades á sua Patria.

De forma que essa gente mexicana de tão selvagens instintos e de tão sanguinarios costumes que estava sendo considerado um povo de bandidos, transformou-se agora numa raça de herois que o mundo vê com simpatia.

Que muitas vezes, verdade seja, do heroi ao bandido, ou vice-versa, vai uma pequenina distancia.

Uma obra de arte que se salva

A estatua do Conde Ferreira — Outras obras de Soares dos Reis

Quem, possuindo sentimento, viu um dia uma obra de Soares dos Reis, não a esqueceu mais.

E quem um dia se sensibilisou perante uma das suas creações, jámais deixou de amar enternecidamente as figuras do grande estatuario, tão grande era o seu poder de expressão e tão funda a impressão que a sua arte nos sabe comunicar.

Ora dentre as obras do sombrio e tragico artista, a quem o pessimismo e a dor levou ao suicidio, destacava-se para quantos religiosamente veneravam essas preciosas reliquias, a estatua do Conde Ferreira, em cujo rosto havia extraordinarias revelações.

O marmore que foi encimar o jazigo do cemiterio da Boa-Vista, do Porto, não ficou, de forma alguma, a copia exata da maquete feita pelo escultor.

A quem comparasse, cuidadosamente, a estatua em gesso, guardada no muzeu, com o marmore que se ergue nesse campo dos mortos da capital do norte, onde tantas outras preciosidades se ostentam, acharia facilmente enormes diferenças que muito alteravam a fisionomia da obra inicial.

O coração dos que com carinho velaram pela conservação dos originais do grande escultor, confrangia-se, no entanto, vendo o tempo e a humidade corroerem o gesso maravilhoso, donde pouco a pouco iam saindo veios da ferrugem do esqueleto metalico e onde se iam abrindo fendas que dentro em pouco acabariam por destruir a estatua.

Felizmente logo nos primeiros tempos deste Parlamento, o nosso saudoso amigo Padua Correia, que era um dos grandes admiradores de Soares dos Reis e de tudo quanto era verdadeira arte, apresentou um projeto de lei concedendo uma verba destinada á fundição em bronze da magnifica maquete.

Esse projeto de lei que foi assinado tambem pelo diretor deste jornal, foi depois de algumas dificuldades aprovado; e o encargo da fundição, que exigia um cuidado e um escrupulo enormes, foi cometido ao fundidor de Vila Nova de Gaia, sr. Adelino de Lemos, que com Teixeira Lopes, foi um dos mais fieis discipulos de Soares dos Reis, por cuja memoria mantem um verdadeiro culto.

A' probidade artistica de Adelino Lemos, teem sido entregues já muitos outros trabalhos de egual responsabilidade e é tal a solicitude, o carinho e quasi o sacrificio com que ele tem sabido passar para o bronze essas obras, que quando o projeto de lei mandando fundir a estatua do Conde Ferreira foi apresentado ao Parlamento, logo o seu nome foi invocado e logo se pensou em se lhe confiar essa piedosa missão.

A fundição, dizem-nos, que saíu magnifica, com o que deveras nos congratulamos nós que tanta veneração temos pela memoria desse triste sublime que arrancou do marmore a obra prima que é o *Desterrado*.

Outras esculturas de Soares dos Reis ha ainda a salvar: dois santos, por exemplo, S. José e S. Pedro, que se não estamos em erro, adornam, esculpidos em pedra, a fachada da capela da familia Pestana, ao alto da rua do Almada, da mesma cidade do Porto, estão-se tambem esboroando na humida sala do muzeu.

Seria outro relevante serviço prestado á Arte Nacional a sua fundição em bronze, para o que esperamos ainda, humildemente, concorrer.

Cambio do Brazil

A semana ultima fechou com os seguintes valores:

Valor da libra no Brazil, réis 15$207. Letras sobre Londres, 90 div. 45 7/16. Valor da libra em Portugal, 5$281. Valor de réis 100$000 fortes no Brazil, réis 287$895.

As pescarias da Terra Nova na Economia Portuguêsa

Em principios do seculo XVI, vagueando pelo Atlantico e caminhando para o ocidente, os pescadores portuguêses atingiram a Terra Nova e estabeleceram a colonia do Cabo Bretão, fazendo daí o centro das pescarias que vieram a afamar Viana do Castelo, Aveiro e os Açores e que não tardaram a atraír os pescadores de outras nacionalidades.

Mais de 100 caravelas partiam então dos nossos portos para a pesca do bacalhau.

Não tardou porém a decadencia e nas aguas da Terra Nova o nosso logar foi dentro em pouco ocupado pelos franceses e pelos ingleses. O nosso povo é que nunca mais se desabituou do precioso pescado e assim decaídas as nossas pescarias passámos a comprá-lo ao estrangeiro.

O bacalhau—*Gadus Marhua*—não aparece apenas no grande Banco da Terra Nova. Pesca-se tambem nas aguas da Ilsandia, nas ilhas Feroe, no Dogger Bank e nas costas da Suecia e Noruega.

Os inglezes pescam de junho a outubro ao largo da Escossia; de novembro a abril no Dogger Bank; de novembro a fevereiro no Cromer Knoll. Os dinamarquezes pescam-o principalmente nas suas costas, bem como os norueguezes que fazem a sua melhor safra depois de janeiro quando o bacalhau entra nos *fiords*.

Na Terra Nova a pesca faz-se de maio a setembro, saindo os navios portugueses em março a tomar os iscos na America e voltando em outubro e novembro, depois duma dificil e arriscada estação de seis mezes no Banco.

Vê-se por isto as dificuldades da pesca para os portuguêses que exige além de importantes capitais para a compra do navio, seu preparo para a demorada estação, adiantamentos e roupas á tripulação, aparelhos, mantimentos, sobrecelentes etc. um pessoal que tem de ser bem pago pelos grandes perigos, privações e trabalhos que passa nesses seis mezes feitos sobre as aguas onde o frio é sempre custoso de suportar e onde as tempestades são frequentissimas.

Se pensarmos que as companhias não seguram os barcos bacalhoeiros senão com elevadissimos premios, o que ainda nem todas fazem, que a safra está sujeita ás maiores contingencias, que o carregamento se pode facilmente estragar na secagem e que as despezas são avultadissimas, em que esta industria nada custa ao paiz nem coisa alguma recebe do Estado, havemos fatalmente de concordar em que o imposto de 12 réis por kilo, que incide sobre o bacalhau português em fresco, o que equivale a 20 réis por kilo seco, quando todo o outro pescado paga apenas 5 °|o *ad valorem*, é verdadeiramente injusto e desanimador.

Na verdade vejam-se as condições economicas de um paiz que gasta milhares de contos em generos alimenticios que podia produzir, veja-se a vida quasi de miseria de um povo que não pode comer carne pelo alto preço que ela atingiu, veja-se a situação das classes trabalhadoras cuja substancia como todos os economistas o veem reconhecendo é a mais cara da Europa, veja-se a alta crescente dos preços, ouça-se o clamor da população piscatoria que morre de fome, repare-se na forma inteligente porque a França e outras nações se teem esforçado para desenvolver as suas pescarias do alto e nomeadamente as da Terra Nova, olhe-se para a pauta e para as estatisticas, comparem-se os impostos lançados sobre o bacalhau estrangeiro inglês e norueguês, pescado em condições muito mais favoraveis, com o imposto que sobre-carrega o bacalhau pescado sob a bandeira portuguêsa e reconhecer-se-ha que a nossa situação é simplesmente uma prova da nossa incapacidade e da nossa inepcia.

Enquanto que Portugal comprando 4.000:000 de escudos de bacalhau e tendo uma frota apenas de 30 ou 40 bacalhoeiros assim sobrecarrega a sua industria a que nenhum auxilio nem incentivo dá, a França que em 1900 mandou ao Banco e á Islandia 650 navios e que é um paiz exportador, concede premios aos armadores e premios de exportação que atingem alguns milhões de francos; auxilia as caixas de socorros para as familias dos que morrem na empreza e manda á Terra Nova, todos os anos, durante a safra, os navios hospitais da *Societé des Oeuvres de Mer*, subsidiada pelo Estado, que ali prestam relevantissimos serviços.

Os Estados Unidos, do mesmo modo, isentam de direitos o bacalhau dos seus navios e a Noruega, a Inglaterra, a Dinamarca e a Alemanha dispensam tambem a esta industria a mais desvelada das protecções, procurando fomenta-la por todos os meios.

Coisa bem diferente sucede em Portugal onde o Estado dela apenas tem cuidado—para cobrar com rigor o imposto de 12 réis por kilo.

Mas sabendo-se que o imposto de pescado é apenas de 5 °|o *ad valorem*, é natural procurar-se conhecer a historia da tributação que incide sobre o bacalhau. Vamos faze-la, rapidamente, embora, porque é edificante.

* * *

Em 1885 surgiu o problema da classificação pautal do bacalhau pescado pelos navios portuguêses.

O bacalhau português era *português* e devia ser-lhe aplicado o imposto interno do pescado, 6,6 °|o *ad valorem* e respectivos adicionais, ou era *estrangeiro* e estava sugeito ao direito de 33 1|2 réis por kilograma?

Esta extraordinaria questão deu trabalho a resolver. Chegou-se a ouvir a Procuradoria Geral da Corôa e esta, em seu originalissimo parecer, intendeu que o bacalhau, pescado no alto-mar, por navios pertencentes a portuguêses, armados em Portugal, tripulados por portuguêses e com bandeira portuguêsa era—um produto estrangeiro!

A's reclamações, porém, que dessa extraordinaria e inacreditavel descoberta juridica resultaram respondeu-se em 1886 com uma portaria não menos extravagante, que veio apenas conceder um odioso monopolio, contrario não só a todos os principios da equidade, a todas as conveniencias e interesses nacionais mas a todos os rudimentos do pudor e do bom-senso.

Essa famosa portaria determinava que se considerasse como português o bacalhau pescado pelos navios portuguêses, mas que nenhum mais que os então existentes poderia armar para esse fim.

Eram 12 os barcos. Nenhum sequer podia ser substituido!

Mais tarde foram elevados os direitos sobre o bacalhau estrangeiro a 39 réis por kilo e a industria nacional, com excessão da protegida pela portaria de 1886, celebrados os tratados comerciais com a Russia e Noruega, ficava sugeita ao imposto de 39 réis enquanto que o bacalhau daquelas nações pagava apenas 34 réis.

Em alguma parte se poderia ver e se admitiria semelhante estado de coisas?

Finalmente, em 1901, os direitos baixaram para 12 réis sobre o bacalhau português, acabando tambem a inexplicavel restrição da portaria de 1886.

Foi de então para cá que se começou a desenvolver um pouco, de novo, a nossa pescaria da Terra Nova, mas por forma tão vagarosa esse desenvolvimento se tem feito, contrastando com o rapido avanço do consumo, que nos parece urgente a intervenção do Estado, auxiliando-a e fomentando-a, como todos os nossos economistas veem preconisando desde Oliveira Martins até ao professor sr. Vieira da Rocha que no mais recente trabalho sobre economia nacional não poude ainda deixar de se referir ao assunto que é necessario encarar com atenção e solicitude.

Ao fazer esta resumida exposição, não sou eu de forma alguma orientado pelos interesses particulares nem outros interesses vejo se não os do paiz, que patriotica e dignamente, embora humildemente, tenho procurado servir.

Num meio em que tudo se malsina e em que sobre tudo se lançam suspeições, julgo necessario afirmar que, não sou socio de nenhuma empreza bacalhoeira nem infelizmente o posso vir a ser, por esta rasão simples—não possuir capitais.

São de méra cortezia as minsha relações com alguns industriais e armadores aos quais me tenho dirigido para colher subsidios para o estudo da questão e aos quais varias vezes tenho atendido como membro da Comissão Parlamentar de Pescarias.

O fim que tenho em vista não é, de forma alguma, nem poderia ser, procurar aumentar os interesses de determinados individuos ou emprezas, mas sim apenas o de beneficiar a economia do paiz em geral e em especial a das classes e povoações maritimas que do desenvolvimento da industria bacalhoeira teem a esperar os maiores beneficios.

A diminuição dos direitos alfandegarios, que reputo exagerados, é, segundo creio, a unica forma pratica e eficaz de fomentar esta industria, atraindo para ela os capitalistas.

A nossa falta de actividade, o nosso rotineirismo e a nossa timidez nos grandes negocios e empreendimentos, é bem conhecida já para que precise de perder tempo demonstrando-a e provando a necessidade do estimulo do poder.

Ao Estado cumpre tambem fazer das pautas e dos impostos alguma coisa mais que um meio de alimentar o tesouro e de arrancar da riqueza que passa pelas alfandegas a quota parte necessaria ás despezas publicas e á equidade social.

Num paiz que mantém a lei dos cereais, tambem e muito bem chamada a *lei da fome*, não se compreende que se adopte para a industria bacalhoeira o criterio que as disposições aduaneiras a seu respeito nos traduzem.

A pauta é e deve ser na pratica, principalmente, um instrumento protecionista, se bem que seja quasi sempre, entre nós não um meio de proteger a produção nacional, mas apenas uma fonte de receita do tesouro. Neste caso, porém, a protecção á industria nacional, que é indispensavel, não importa o agravamento pautal para o produto estrangeiro. Precisa-se apenas de protecção ao nacional, sem se tocar no que diz respeito aos autros paizes, o que, além de ser impossivel em vista dos tratados de comercio, arrastaria consigo os mais altos inconvenientes porque ia terminar imediatamente a especulação e a alta do preço com o pretexto do imposto.

De tal se não carece para proteger e fomentar a pescaria portuguêsa nos Bancos da Terra Nova.

Restos da monarquia

UMA PENDENCIA COM O SR. TEIXEIRA DE SOUSA

O sr. Joaquim Leitão, jornalista, antigo redactor do *Correio da Manhã*, escreveu no exilio um livro intitulado *Cem dias funestos*, no qual se atribue ao sr. Teixeira de Sousa a responsabilidade da queda da monarquia. Esse antigo ministro acudiu imediatamente á chamada, publicando uma carta violenta contra o sr. Joaquim Leitão, como unica resposta que entendia dever dar ás suas acusações.

O tempo passou-se, o sr. Teixeira de Sousa publicou outro livro,—e eis senão quando, ha poucos dias, o sr. Teixeira de Sousa recebeu do sr. conde de Tarouca e capitão do fragata Polycarpo de Azevedo a participação de que aquele jornalista lhe pedia explicações ou uma reparação pelas armas.

O sr. Teixeira de Soura encarregou o sr. Barbosa Collen e Melo Barreto de o representarem no proseguimento da pendencia. Qual será o seu resultado final? Ha quem afirme que o duelo não se realisa, por variadas razões, entre outras porque o desafio foi lançado só dois mezes depois de concedida a amnistia.

Trovoada

Na segunda-feira à tarde pairou sobre esta cidade uma forte trovoada, acompanhada de continuos aguaceiros, descendo a temperatura.

Excursão a Paris e Londres

A 20 de maio proximo, pelos comboios rapidos, realisa-se a partida duma excursão de luxo a Paris e Londres, por ocasião das festas da Pentecôte e do Derby d'Epsom em Londres.

Os preços são extremamente reduzidos: a Paris, 89$500 réis, e a Paris e Londres, 129$500 réis, estando compreendidas todas as despezas de viagem em 1.ª classe ida e volta, da permanencia em bons hoteis, de carruagens, das visitas aos principais muzeus e monumentos artisticos, excursões a Versailles e a Hampton—Court, interpretes, gorgetas ao pessoal em serviço, etc.

Estatistica geral dos correios

Recebemos a estatistica geral dos correios respeitante ao ano de 1911.

A OBRA DA RENASCENÇA PORTUGUEZA

BIBLIOTÉCA LUSITANA

Em 30 de novembro de 1912, ao iniciar, na Universidade-popular do Porto, uma série de lições sobre a historia de literatura nacional, eu lembrei, como meios de educação popular que estavam inteiramente dentro do programa da Renascença-portuguêsa, a publicação dúma «Biblioteca-luzitana», a ressurreição do Teatro-vicentino e a Festa de Camões.

Nesta havia a Renascença colaborado já, alguns mezes antes. e eu não perdi ainda a esperança de que a tornará uma festa nacional, promovendo-a anualmente, e procurando interessar nela todo o povo português, até que este sinta a necessidade consciente de comemorar o maior Poeta que o tem cantado.

Pelo que diz respeito á ressurreição do Teatro-vicentino, eu quereria que a Renascença secundasse e alargasse a iniciativa de Afonso Lopes Vieira que é, certamente, entre os admiradores de Gil Vicente, o que encontrou a melhor maneira de popularisar a sua obra. Assim considero os *Serões vicentinos*, acompanhados de conferencias, que, á custa do seu amoroso esforço e do seu entusiasmo, se tem realisado em Lisboa e no Porto.

A Renascença-portuguêsa já procurou mostrar que reconhece em Gil Vicente uma das nossas maiores figuras literarias pelo caracter lusitanissimo da sua obra, e, por isso mesmo, pelo seu excecional valor educativo. Tentei-o eu em tres lições, acompanhadas de leituras explicadas, que, recentemente, realisei na *Universidade-popular*. Mas esta tentativa modestissima, é indispensavel completa-la, como acentuei ao terminar aquelas lições, com a realisação dalguns *Serões vicentinos*. Constitue isto uma das mais urgentes necessidades morais em Portugal, visto que o nosso teatro atravessa atualmente uma das suas maiores e mais desoladoras crises. «Resuscitemos Gil Vicente a ver se se resuscita o teatro,» procurando, assim, realisar o pensamento que dominava Garrett, ao conceber o seu drama *Um auto de Gil Vicente*.

Quanto á «Bibliotéca-luzitana,» julguei-a sempre uma obra de altissimo alcance, mas de dificilima realisação. Supuz mesmo que não chegaria a tentar-se ou que, pelo menos, só muito tarde se poderia fazelo. Enganei-me, porque chegou a oportunidade de começar a realisa-la.

O que me sugeriu a ideia da creação da «Bibliotéca-lusitana» foi a convicção de que em Portugal se desconhece o que ha de mais belo e mais representativo da literatura portuguêsa, desaproveitando-se, assim, um dos elementos que mais concoreriam para a formação do caracter, creando novas energias e enchendo de esperança e anciedade creadora. Entre as muitas razões que explicam este facto, avulta o desamor ás nossas coisas, que começa a revelar-se no seculo XVI, como um dos sintomas da nossa desnacionalisação.

Aqueles que trabalham pelo renascimento lusitano, com entusiasmo e com fé, porque o presentem, reconhecem que ele depende, em grande parte, duma educação popular eminentemente nacionalisadora, tendo por fim crear no povo português um novo ideal colectivo, pela reencarnação das suas antigas qualidades. Para a solução deste problema educativo, contribuirá, grandemente, o conhecimento das obras literarias que tenham dado expressão eterna áquelas qualidades, e daí a necessidade urgente de popularisar a sua leitura.

Propõe-se faze-lo a Renascença-portuguêsa pela publicação da «Biblioteca-lusitana» que será iniciada, brevemente, sob a direção do sr. dr. Jaime Cortesão e de quem escreve estas linhas e com a colaboração de algumas das maiores notabilidades no nosso meio intelectual, entre elas a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, José Pereira de Sampaio (Bruno) e Joaquim de Vasconcelos.

Compreenderá a «Biblioteca-luzitana» obras completas ou excertos que sejam reveladores da alma portuguêsa, que tratem de figuras representativas da raça, que digam respeito a uma grande época historica, que se imponham pelo seu significado moral ou que devam considerar-se como modelos de linguagem.

Cada obra será precedida dum estudo sobre o autor e a epoca a que pertence e sobre os seus intuitos, e acompanhada do comentario filologico, historico e estetico e ainda dum glossario, tudo isto sem caracter erudito e com a simplicidade e o desenvolvimento indispensaveis para tornar a sua leitura o mais facil, o mais atraente e o mais proveitosa que fôr possivel.

Respeitar-se-ha a linguagem original, procurando suprir a unica vantagem que poderia resultar da sua modernisação—a facilidade da leitura—pelos processos que ficam indicados. Não se tirará, assim, a cada obra, a feição propria que lhe dá a linguagem de que o autor, originariamente, usou e que serve para caracterisar a época em que foi escrita, e obtem-se, por aqueles meios de popularisação, grandes vantagens educat vas.

Pode dizer-se que não se tentou ainda em Portugal a publicação duma Biblioteca com os intuitos que ficam apontados. Tem havido, no entanto, segundo planos diversos, varias tentativas de Bibliotécas, e algumas valiosas, e não será exagero afirmar que todas ou quasi todas tem falhado.

Para que não possa profetisar-se egual sorte á «Biblioteca-lusitana», anunciar-se-ha uma série minima de obras, como consta do programa a seguir publicado, e no qual aparece o meu nome, méramente pela circunstancia de eu ter tido o ensejo de lançar uma ideia que estava no animo de todos os que trabalham pela obra da Renascença-portuguêsa:

BIBLIOTECA LUSITANA

Directores: Jaime Cortesão e Alfredo Coelho de Magalhães

Primeira série das obras a publicar:

Poesia trovadoresca (Anthologia), com um estudo critico, notas e glossaria, por D. Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Cancioneiro popular, com um estudo critico e notas, por Jaime Cortesão.

Romanceiro (Selecção), por Teofilo Braga.

Cronica do Condestabre.

Fernão Lopes e Azurara: Cronica de D. João I, com um critico, notas e glossario, por Alfredo Coelho de Magalhães.

Rui de Pina: Cronicas de D. Duarte e de D. Afonso V.

Bernardim Ribeiro: A *Menina e Moça* e a obra poetica, com um estudo critico e notas, por Alfredo Coelho de Magalhães.

Cristovão Falcão: A Ecloga Crisfal, com um estudo critico, notas e glossario, por Alfredo Coelho de Magalhães.

Gil Vicente: Os autos das Barcas, com um estudo critico, notas e glossario, por D. Carolina Micaelis de Vasconcelos.

Gil Vicente: diversos autos, por Afonso Lopes Vieira.

Sá de Miranda: (Antologia), por Antonio Sergio.

Camões: Os Lusiadas, com um estudo critico e notas, por Jaime Cortesão.

Camões: A obra lirica e dramatica.

Diogo Bernardes: (Antologia), por Teixeira de Pascoaes.

Antonio Ferreira: (Tragedia Castro), por José Augusto Rego.

João de Barros: (Excertos das Décadas).

Diogo do Couto: Excertos das Décadas).

Damião de Goes: Cronica de D. Manuel, com um estudo critico e notas, por Joaquim de Vasconcelos.

Rodrigues Lobo: Eclogas e Côrte na Aldeia, por Ricardo Jorge.

D. Francisco Manuel de Melo: Carta de Guia de Casados.

Frei Luiz de Sousa: A Vida de S. Frei Gil (Da «Historia de S. Domingos»), com um estudo critico e notas, por Jaime Cortesão.

Padre Antonio Vieira: (Selecção de Cartas e Sermões).

Manuel Bernardes: (Excertos).

Francisco Xavier de Oliveira: Extratos do «Amusement-périodique», com um estudo critico e notas, por José Pereira de Sampaio (Bruno).

Reis Quita: (Antologia da obra lirica). Fabulario, por Leite de Vasconcelos.

Antonio José da Silva: O Amfitrião, com um estudo critico e notas. por Francisco Torrinha.

Bocage: (antologia, por Teixeira de Pascoaes.

Historia da literatura nacional: 1.ª parte (desde as origens até ao fim do seculo XVI), por Alfredo Coelho de Magalhães; 2.ª parte (desde o fim do seculo XVI até aos nossos dias), por Jaime Cortesão.

A segunda série será constituida por obras completas ou excertos de escritores do seculo XIX, entre outros Herculano, Garrett, Antero, Guilheme Braga, Latino Coelho, etc.

A «Biblioteca-luzitana» inclue ainda no seu programa a publicação de documentos ineditos, que tenham interesse sob o ponto de vista historico ou literario. Para a sua realisação convidará todos os escritores que se tenham entregado a estudos de critica literaria portuguêsa. A maneira como a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcelos e os senhores José Pereira de Sampaio (Bruno) e Joaquim de Vasconcelos acolheram esse convite, convence-me de que a «Bibliotéca-luzitana» será bem recebida pelo paiz que, certamente, confia já nas promessas da Renascença portuguêsa.

26—11—912.

Alfredo Coelho de Magalhães.

Um português condenado á morte nos tribunais inglêses

Movimento de piedade

O nosso governo acaba de ser informado de que os tribunais de Liverpool condenaram á morte o nosso compatriota Oliveira Coelho, que a bordo do *Deseado*, quando em viajem do Funchal para o Brazil, assassinou uma mulher pela qual se enamorara e que o atraiçoava.

O nosso compatriota foi, chegado ao Rio de Janeiro, entregue ás autoridades inglêsas, visto ser inglês o barco em que o crime se praticou, sendo remetido para Inglaterra depois de larga discussão sobre se ele devia ser julgado em Portugal ou ali. Oliveira Coelho interpoz recurso da sentença, estando o governo português no proposito de pedir o indulto, caso esse recurso não seja atendido.

Em Portugal causou impressão a sentença dos tribunais inglêses, estando-se a fazer uma grande campanha em favor do desgraçado.

Este movimento de piedade que bem se justifica num paiz que ha muito aboliu a pena de morte, tem por fim solicitar das autoridades inglêsas em nome do povo português a comutação da pena de Oliveira Coelho.

A esse movimento de piedade nos associamos tambem, esperançados em que o governo inglês atenderá os rogos do povo de Portugal.

Banco de Portugal

A situação financeira do Banco de Portugal em 15 de abril é a seguinte:

Em circulação: 67.160:177$875; prata, 14.961:649$000; cob. 9:750$.

Caixa—ouro, 7.545:808$040; prata, 9.050:414$900; nik. 116:030$250 cobre, 22:621$535 réis.

Contractos — Classes inactivas — (1887), 4.151:353$050; idem (1897) 1.030:411$790 réis; diversos, réis 12.529:188$411; tesouro publico, 25.772:062$180.

Marinha de guerra

O ministro da marinha tenciona adquirir os aparelhos para tres instalações de telegrafiia sem fios, duas para as canhoneiras *Ibo* e *Beira*, que se empregam no serviço de fiscalisação da pesca nas costas do paiz, e a terceira na Trafaria.

A instalação atualmente existente no Arsenal da Marinha será transferida para Faro.

As instalações a bordo daquelas canhoneiras permitir-lhes-hão prestar socorro quando se dê qualquer sinistro maritimo e ainda com mais eficacia desempenharem-se da sua missão, solicitando o aprisionamento de qualquer barco que transgrida os regulamentos da pesca.

A entrega DA BANDEIRA

A noite de sabado para domingo foi de ventania insuportavel, e o dia, amanhecendo claro, de sol brilhante, ainda açoitado pelas rajadas do vento, prometia o seu magnifico concurso para a festa a que Aveiro ia assistir: a da entrega da bandeira ao regimento de infanteria 24, ao regimento de tão nobres tradições e que ainda ha pouco, por ocasião da segunda incursão couceirista, saindo de Aveiro para o norte, no dia em que se festejava o advento da Republica, ia, cheio de enthusiasmo, nas penedias de Tras-os-Montes, firmar mais o seu credito de intemerato e de defensor do ideial republicano.

Foi para festejar a entrega da bandeira, e a ratificação do juramento aos recrutas que o Grupo Defeza da Republica e a oficialidade de infanteria 24, de comum acordo, elaboraram o programa que aqui publicamos o numero passado, programa que logo ao romper d'alva de domingo começou a pôr-se em pratica, pois, que uma salva de 21 tiros, repiques de sinos e a fanfarra dos asilados, anunciou o seu começo.

A's 9 horas, começaram de afluir ao quartel os pobres a quem tinham sido destribuidas as senhas para o bodo, e que ali iam receber os dois tostões a que cada senha dava direito.

A's 10, a junta de paroquia da Vera-Cruz distribuia tambem aos pobres da freguezia, um bodo.

A's 11, hora marcada para a saída do cortejo da Avenida Candido dos Reis, começou a juntar-se gente para a sua constituição, e só ao meio dia é que começava a desfilar, com a fanfarra dos asilados á frente, seguindo-se os asilados de ambos os sexos, escolas centrais masculinas e femininas das freguezias da cidade, escola normal, filarmonica José Estevam e bombeiros Guilherme Gomes Fernandes com um carro, associação dos Bateleiros com o seu estandarte, Centro Escolar Republicano, Recreio Artistico, Club dos Galitos, Academia com a sua bandeira, Colegio Aveirense, Musica de Ilhavo e Bombeiros Voluntarios com carro, Empregados publicos, carro da cidade, camara municipal e representantes do Grupo Defeza da Republica, Guarda Fiscal e muito povo.

No largo da Vera-Cruz, onde devia descerrar-se a lapide que dá aquele largo o nome de Capitão Maia Magalhães, estava ali, aguardando a passagem do cortejo, o sr. ministro da Guerra, general da 5.ª divisão, oficialidade, capitão do porto e seu adjuncto e governador civil.

Foi o sr. Bernardo Torres que descerrou a lapide levantando um viva a Patria. O sr. governador civil, leu uma alocução exalçando os meritos do capitão Maia Magalhães.

Seguiu o cortejo, sempre entre alas de compacta multidão, até á rua do Cais em que novamente o sr. Bernardo Torres, subindo a um estrado, descerra a lapide que dá aquela rua o nome de João Mendonça, a victima dos sanguinarios proselitos do padre Domingos, de Cabeceiras de Basto.

O sr. governador civil tomou a palavra para falar sobre o nosso infeliz conterraneo morto no seu posto e em defesa da Republica.

Depois tudo se poz em marcha para o Cojo, onde já estava uma força d'armada, outra de cavalaria 8 e infanteria 24, sendo passada revista a estas forças pelo sr. ministro da Guerra, e general da 5.ª divisão acompanhados de seus ajudantes.

Finda a revista o sr. ministro da Guerra recebeu do sr. Bernardo Torres a bandeira que é de seda e bordada a ouro. O sr. Pereira d'Eça agradeceu em nome do governo dizendo que a entregava ao regimento na certeza de que a saberia honrar e defender. O sr. Torres leu a seguir uma mensagem em que recordava a historia militar do regimento. Respondeu o sr. tenente Gaspar Ferreira num belo e sentido discurso patriotico.

Hasteada a bandeira foi-lhe feita a continencia tocando as musicas o Hino Nacional que foi ouvido por todos de chapeu na mão.

Faz-se o juramento e ratificação começando depois os exercicios de ginastica e de obstaculos, sempre sob a ação causticante do sol e tendo o vento amainado um pouco.

Foram os seguintes os premios concedidos aos militares que entraram nos exercicios:

Corridas de obstaculos—1.º premio, um relogio de prata ao soldado n.º 33 da 5.ª Comp. José de Pinho Vinagre; 2.º premio, um despertador ao soldado n.º 149 da 1.ª Comp. Antonio Maria de Oliveira; 3.º premio, a importancia de 3$50 ao soldado n.º 161 da 5.ª Comp. José Simões, 4.º premio, uma cigarreira de metal ao soldado n.º 153 da 8.ª Comp. Carlos Ferreira.

Saltos em largura—1.º premio, a importancia de 1$50 ao soldado n.º 101 da 11.ª Comp. Manuel Martins de Oliveira; 2.º premio, a importancia de 1$50 ao soldado n.º 151 da 7.ª Comp. Gonçalo Maria.

Saltos em altura—1.º premio, a importancia de 1$50 ao soldado n.º 80 da 10.ª Comp. Manuel Augusto de Almeida; 2.º premio, a importancia de $50 ao soldado n.º 105 da 11.ª Comp. Antonio Gomes Duarte.

Corridas de bicicletas—1.º premio, a importancia de 3$50 ao soldado n.º 122 da 8.ª Comp. Antonio de Bastos; 2.º premio, a importancia de 1$50 ao soldado n.º 95 da 11.ª Comp. Antonio Gomes de Oliveira.

Luta de tracção—Unico premio, 6$00, ao 3.º batalhão.

* * *

A' noite houve iluminações no jardim. Tocou a fanfarra dos asilados algumas peças e depois em orfeon, cantou os hinos Maria da Fonte e Portugueza.

Subiu então para o coreto a banda de infanteria 24. Foi muito aplaudida pois que tocou em ocarinas varios trechos que muito agradaram.

* * *

O jantar que a oficialidade ofereceu ao Grupo Defeza da Republica e outras entidades e a que presidiu o sr. ministro da Guerra, realisou-se no Hotel Central. O jantar dos sargentos foi no restaurant Mourinho, que fica junto ao Hotel Central.

A banda de infanteria esteve ali tocando durante o jantar.

* * *

O carro da cidade, obra do sr. Carlos Mendes, foi muito admirado, pois que, duma bela originalidade, se compõe de costumes locais: o forte da Barra, com uma esfera e encimado com uma aguia, assenta num pedestal com dois degraus. Nas quatro faces as proas dos barcos que nós constantemente vemos deslisar na nossa ria, tendo aos cantos outros tantos montes de sal, meios cobertos com a junça, e na frente uma enorme concha a que se encosta uma ereança com o escudo da cidade.

No primeiro degrau, na frente, quatro creanças, e na retaguarda, tres, representando todas o Comercio, a Industria, a Agricultura, a Pesca e as Salinas.

Em toda a volta grandes conchas de berbigão e mexilhão.

Este carro fica sendo pretença da Camara Municipal e deverá servir sempre que se façam as festas da cidade que, segundo se espera, tenham principio este ano.

* * *

Os habitantes de Aveiro, moradores nas ruas do trajecto do cortejo, acudindo ao apelo dos sargentos de infanteria e da camara, puzeram ás janelas colgaduras adamascadas e de varias cores, e as janelas da casa da Companhia Singer e da do sr. Francisco Casimiro, na Avenida Bento de Moura, estavam enfeitadas com verdura e flores.

Necessidade urgente

Ha tá tempos chamámos aqui a atenção da Camara para o estado em que se encontrava a cobertura do mercodo do Peixe.

Hoje vimos novamente lembrar-lhe a necessidade que ha em proceder á pintura do gradeamento que se está desfazendo com a ferrugem, e se de pronto lhe não acodem alem de serem maiores os prejuizos, o seu aspecto de decadencia dará uma impressão de abandono.

Foi tambem a falta de pintura que levou a porta ondulada do lado poente do mercado Manuel Firmino, a sua inutilisação.

Sabe-se quanto o ar salino influe na deterioração do ferro e outros metais, e um pequeno descuido na sua conservação acarreta sempre despezas grandes e inuteis, que se podem evitar a tempo com algumas demãos de tinta.

ESTRADAS

A camara municipal do concelho de Anadia representou ao sr. ministro do fomento pedindo que os serviços de conservação e reparação das estradas daquele concelho, ou passem para a posse das Juntas Gerais dos distritos, ou sejam reformadas por fórma a que, com dinheiro que o Estado despende anualmente, produzam o quanto devem produzir.

Notas pessoais

Passa ámanhã o aniversario natalicio do sr. Henrique de Freitas Lebre, de Anadia.

✝ *No dia 25 passou o do sr. dr. Antonio do Nascimento Leitão, capitão-medico, atualmente em Paris, e na segunda-feira o do sr. dr. José Rodrigues Soares, professor do liceu.*

✝ *Tem passado bastante encomodado, na sua casa de Mogofores, o sr. Aristides de Seabra.*

✝ *Esteve em Aveiro o sr. dr. Jaime de Melo Freitas, delegado do Procurador da Republica em Albergaria-a-Velha.*

✝ *Tambem no domingo esteve nesta cidade o sr. coronel Julio Feijó que veio assistir á entrega e juramento da bandeira de infanteria 24.*

✝ *Já regressou de Lisboa, o sr. dr. Alvaro de Moura, reitor do liceu desta cidade, que ali foi conferenciar com o sr. ministro da Instrução.*

Caixa Economica

Não tendo comparecido no ultimo domingo numero suficiente de senhores depositantes não poude realisar-se a assembleia para que haviam sido convidados.

Para o dia 3 de maio faz a direção da Caixa Economica nova convocação para a eleição dos membros que hão-de compôr a assembleia geral.

Fotogravuras

COM magnificas vistas, aspectos e costumes do Distrito de Aveiro, em estado de novas, servindo para jornais, livros, revistas etc. Vende-se grande quantidade por metade do preço na *LIBERDADE*.

As Juntas Gerais dos Distritos

Vão ou ficam?

—Ficam! diz o governo.
—Teem de ficar! dizem os seus representantes.

A reunião de Lisboa

Numa das salas do governo civil de Lisboa, reuniram ha dias, como estava anunciado, os delegados de todas as juntas gerais dos districtos, a fim de se solicitar do Parlamento o cumprimento do Codigo Administrativo na parte relativa á viação e estradas do Paiz.

A' reunião, que esteve extraordinariamente concorrida, assistiram os srs. dr. Bernardino Machado, como ministro do interior, Thomaz Cabreira, ministro das finanças, dr. Achiles Gonçalves, ministro do fomento, e dr. Cassiano Neves, governador civil.

A reunião começou ocupando a presidencia o sr. Agostinho Fortes, que era secretariado pelos srs. Dagoberto Guedes e Lopes Méga. Aberta a sessão, o presidente explica os fins da reunião, ocupando-se depois da recente visita do principe da Prussia a Lisboa e insurgindo-se contra o facto de se querer desvirtuar certos factos, tornando-os odiosos para o regimen.

O sr. dr. Bernardino Machado refere-se ás juntas gerais, dizendo serem elas verdadeiros parlamentos locais. Iniciou a sua vida politica como vogal da junta do distrito de Coimbra ao lado de grandes vultos de que se recorda com a maior saudade.

Tinham então as juntas gerais amplas funções, existindo em cada cidade um pequeno Estado que correspondia inalteravelmente á vida local.

Antes de se republicanisar a cidade de Lisboa, iniciou-se a democratisação da provincia, com gerais aplausos, alargando-se as juntas de paroquia que unicamente tinham a seu cargo a superitendencia nos actos do culto religioso, como fabriqueira. Quem estabeleceu, pois, em Portugal a vida local? Fomos nós—prosegue o orador — que creámos as comissões paroquiais e outras corporações tendentes a desenvolver os interesses regionais.

O governo está completamente identificado com a autonomia da vida local, que não é só uma questão de principios, mas de interesse para todos, porque as juntas veem agora proseguir na obra dos tempos liberais, instituições estas que são dentre elas uma das mais prosperas e salvadoras de Portugal.

A questão mais grave destas corporações legalmente constituidas é sem duvida a que diz respeito á construção de estradas. O sr. dr. Bernardino Machado assegura aos membros de todas as juntas gerais, ali presentes, toda a sua solidariedade e apoio, fazendo votos para que em breve a autonomia das provincias seja um facto. E' por principio contrario á creação de administrações de concelho, que apenas servem para complicar o problema politico.

Depois de varias considerações, termina apresentando as suas saudações aos presentes.

Fala depois novamente o sr. Agostinho Fortes, que se congratula com a presença dos membros do governo e combate de novo a iniciativa do ministro do fomento respeitante á criação de juntas autonomas.

O sr. dr. Achiles Gonçalves diz que antes de nascer este seu projecto, era já hostilisado na imprensa. O futuro da viação está no automobilismo, mas sem haver estradas não se póde fomentar a riqueza do Paiz. Os proprietarios de meios de viação offereceram expontaneamente 300 mil escudos para reparação de estradas. Torna-se, pois, urgente resolver o problema da viação e para isso se lembrou de convidar os representantes automobilistas, do Conselho de Turismo, da Propaganda de Portugal, dos municipios e ainda os proprietarios oferentes.

Novamente torna a falar o sr. dr. Bernardino Machado, que diz ser necessaria a comparticipação de todos para a realisação das suas aspirações.

Lembra para isso que se constitua uma comissão composta dos ministros do interior, fomento e finanças e juntas gerais e que seja patrocinada no Parlamento pelo sr. Jacinto Nunes.

Nesta altura os ministros, que teem de ir para a assinatura presidencial despedem-se, proseguindo a sessão.

Em nome de varios distritos falam os srs. dr. João Gonçalves, da Arruda dos Vinhos; dr. Jorge Nunes de Lisboa; dr. Antonio Fonseca, da Guarda; Carvalho de Araujo, de Vila Real; João dos Santos, do Barreiro; Oliveira de Carvalho, de Cintra; dr. Fernandes Costa, de Coimbra; Lima Alves, de Lisboa; Francisco Cardoso da Silva Maia, do Porto; Nunes Loureiro, de Lisboa; José Soares, de Evora, e Santos Silva de Beja.

Todos eles apresentaram varias propostas que foram aceites, largamente discutidas e por fim aprovadas.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. dr. Bernardino Machado convidou os delegados das juntas gerais que se encontram em Lisboa para um jantar que se realisará ámanhã.

TEATRO AVEIRENSE

Chega hoje a esta cidade a academia de Leiria que vem pagar á de Aveiro a visita que esta lhe fez em 1911.

Aproveita a ocasião para dar ámanhã, no Teatro Aveirense, uma récita em beneficio da Caixa Escolar do Liceu de Leiria, e dedicada ás damas de Aveiro.

O espectaculo compõe-se de 5 partes, assim divididas:

1.ª—*Venesa de Portugal* (marcha) dedicada a Aveiro; *Lesistrata* (Gavote); *A Moderna Eva* (Suite des valsas de opereta).

2.ª—*As duas gatas*, (comedia n'um acto).

3.ª—*Variedades*: Versos, caricaturas e cançonetas.

4.ª—*Uns comem os figos*... (comedia num acto.)

5.ª—*Pagliaci* (selecção da Opera); *The Gladiator* (marcha); *Hino Academico*.

Atendendo ao fim a que a récita é dedicada é de esperar que o teatro se encha.

Nova linha ferrea

Ha tempos noticiámos aqui que o sr. dr. Luiz de Brito Guimarães havia pedido a concessão de uma linha ferrea de Estarreja á Bestida. Sabemos agora que a companhia dos Caminhos de Ferro não deseja construir aquella linha nem se opõe á sua construção.

Pela imprensa

Acabamos de receber o primeiro numero de *O Vôo Mecanico*, orgão do Centro Nocional de Aviação ha pouco formado em Lisboa.

Traz o retrato dos fundadores do Centro.

=†=

De Vizeu recebemos tambem o primeiro numero da *Revista Viti-Vinicola* que naquela cidade acaba de vêr a luz da publicidade, sob a direcção do œnotecnico sr. Caetano de Sousa.

Vamos permutar.

=†=

Mais um novo semanario acaba de ver a luz da publicidade.

Intitula-se *Echos de Cantanhede* e promete tratar da defeza dos interesses do concelho de Cantanhede.

As nossas saudações.

O tempo

Tem sido de um encanto o tempo quente que tem feito, sendo já muito procuradas as sombras das arvores que tonificam o organismo.

No jardim, á sombra das arvores que se vão cobrindo de verde folhagem, e em que os passarinhos no seu afam de arranjarem os ninhos vão ensaiando os seus cantos, vê-se já, de manhã á noite, gente de todas as classes passeiando ou contemplando a natureza, recostada nos bancos.

Lembram os passeios ao campo, os pic-nics, as excursões. E assim, a direção da Sociedade Recreio Artistico, desta cidade, que o ano passado promoveu uma excursão á formosa e historica mata do Bussaco, pensa já em proporcionar aos seus associados e familias, uma excursão a Coimbra.

* * *

Nos campos tem se activado os trabalhos agricolas que os ultimos dias chuvosos haviam empedido de realisar.

Ha já bastante milho nascido e com bom aspecto. Nas vinhas começam-se os primeiros tratamentos cupricos contra as doenças cryptogamicas, e nas enxertias novas passam-se as primeiras revistas para supressão dos rebentos dos *cavalos*, geralmente conhecidos por *ladrões*.

EXEQUIAS

Na egreja da Misericordia realisaram-se ontem as exequias por alma do sr. José Luciano de Castro tendo assistido grande numero dos seus antigos correligionarios dos diversos concelhos do distrito.

O orador que fez o elogio do extinto esteve falando durante hora e meia.

Do Porto vieram representantes dos jornais daquele cidade, tendo estado na nossa redação o sr. João Guimarães, redator da *Montanha*.

DESORDENS

No domingo á noite em frente do restaurante do sr. Joaquim Gloria, houve uma desordem, chegando a haver gritos de socorro.

Na meoma ocasião, na rua do Passeio, tambem houve desordem de que resultou o sr. Baptista Moreira ficar com a cabeça partida e contuso pelo corpo em paga de uma dentada que deu ao sr. Augusto Marques deixando-lhe um braço a escorrer sangue.

"O Povo,,

Dirigido pelo velho republicano Ricardo Covões, e colaborado pelos mais consagrados escritores portugueses, encetará a sua publicação diária da manhã, no proximo dia 1 de Maio, este nosso presado colega de Lisboa.

Inserindo interessantes artigos sobre assuntos sociais, financeiros e literarios, *O Povo*, que tratará desenvolvidamente, e em secções especiais, superiormente dirigidas por individualidades de conhecido relêvo, do nosso movimento desportivo, teatral, de instrução, de modas, etc., será um jornal moderno, que terá do povo republicano, de que ele é um dos mais acérrimos defensores, um justo e carinhoso acolhimento.

Tendo correspondentes especiais, noticiosos e telegraficos, em todas as capitais enropeias, *O Povo*, que tem o valiosissimo concurso do distinto escritor sr. Agostinho Fortes, alta gloria da raça portuguesa, publicará em folhetins a *Historia do Partido Republicano Português*, brilhante trabalho em que aquele cintilante escritor, pondo á prova, mais uma vez, o seu formosissimo talento, descreve, com um brilhantismo invulgar, os primeiros gritos da alma republicana até ao seu epilogo na manhã gloriosa de 5 de Outubro.

Além deste folhetim, a que está destinado um ruidoso sucesso, *O Povo*, devido á pena de Emilio Castelar, fecundo romancista espanhol, publicará uma das suas mais belas produções, o emocionante romance —*Historia de um coração*.

Impresso em maquina rotativa do sistema mais aperfeiçoado, *O Povo*, que terá seis e oito paginas em ótimo papel, tem os seus escritorios e oficinas instaladas na Rua de Luz Soriano, 48, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

Anadia

Anadia, 27

O nosso amigo, sr. Alberto Sobral, administrador deste concelho, acaba de receber uma mensagem assinada por setenta e cinco republicanos da freguezia de S. Lourenço, protestando contra as calunias que lhe foram dirigidas em umas *cartas* desta vila para a Republica. No numero destes subscritores notam-se os nomes dos nossos amigos, dr. Antonio R. Cosme, presidente da Comissão Executiva da Camara, Aristides Seabra, presidente da Camara, Antonio J. Cardote, presidente da Comissão Politica de S. Lourenço, alem de varios membros da junta de paroquia da mesma freguezia.

Para que preste ao escrevinhador da Republica.—(C.)

Areia para construções

De magnifica qualidade e muita liga para argamassas de construção, vende-se na Quinta do Forte, Bonsucesso, a 60 réis o carro.

CAIXA ECONOMICA DE AVEIRO

Aos senhores depositantes

2.ª convocação

NÃO se tendo realisado a reunião convocada para hoje, 26 do corrente, por terem comparecido apenas quatro senhores depositantes desta Caixa, são por este meio novamente convidados a reunirem, pelas 11 horas da manhã, do dia 3 de maio proximo, no edificio da Caixa Economica de Aveiro, a fim de, nos termos do § unico do artigo 87.º dos novos estatutos, aprovados superiormente e publicados no *Diario do Governo*, n.º 80, da 2.ª série, em 7 do corrente mez, elegerem os seus delegados que, segundo o disposto no art.º 61.º, tem de fazer parte da assembleia geral.

Aveiro e Caixa Economica, 26 de abril de 1914.

O presidente da Direcção,
Francisco Augusto da Fonseca Regala.

N. B.—*Para verificação da identidade de cada um, se fôr necessario, os senhores depositantes, devem indicar os numeros das suas cadernetas, quando pedidos.*

O mildio das vinhas

Deve ser combatido pela Calda Bordeleza Schloesing, a mais eficaz, pratica e economica.

Cada lata desta magnifica calda é para empregar em 100 litros de agua, por conseguinte tem vantagens incontestaveis: maxima simplicidade na preparação, não mais balanças no meio da vinha, não mais erros nem para mais nem para menos, maxima rapidez no trabalho, sem perda de tempo.

A Calda Bordeleza Schloesing está rigorosamente doseada, é instantaneamente soluvel, muito aderente, não queima as plantas, não entupe os aparelhos, marca nitidamente as folhas.

=†=

SULFATO de cobre, de origem ingleza 99|99 0|0 de pureza garantida.

ENXOFRES, flor, simples moido, em pedra 99|100 0|0 de pureza garantida.

ADUBOS completos da marca registada: *Trevo de 4 folhas.* Apropriados a cada cultura e a cada terra.

MAQUINAS agricolas das melhores marcas.

O. Herold & C.ª
Lisboa, Porto, Pampilhosa, Regoa e Faro

CARTA ITINERARIA DO DISTRITO DE AVEIRO

MUITO util aos turistes, automobilistas e ciclistas, indicando todas as estradas e caminhos transitaveis do distrito de Aveiro.

60 réis cada exemplar

A' venda na *Liberdade*

"A LIBERDADE,,

E' nosso representante no Pará, caixa postal n.º 22, (Brazil), o sr. João Rodrigues Testa Junior a quem os nossos presados assinantes se poderão dirigir para qualquer assunto referente a este jornal.

De profundis

Extraordinario romance de combate original de Eduardo de Aguilar e consagrado ao insigne Estadista dr. Afonso Costa

De profundis, é um soberbo trabalho literario, um dos romances mais vibrantes que se tem escrito em lingua portuguêsa. **Prende a atenção. Deleita o espirito. Entusiasma, Scenas brilhantissimas personagens admiraveis.**

Um grosso volume em grande formato 500 reis, á cobrança mais 50 reis.

Importantissimo—O produto liquido do romance *De profundis* será oferecido ao insigne Estadista dr. Afonso Costa, para que s. ex.ª o entregue á *Tutoria da Infancia*, uma instituição patriotica de que é um dos fundadores.

Essa importancia será acompanhada de um luxuoso album em pergaminho, contendo os nomes e residencias de todos aqueles que, cheios de devotado patriotismo e demonstrando espiritos verdadeiramente liberais, adquiram o *De Profundis*. que é um terrivel golpe atirado ao jesuitismo.

De todos os nomes que honrem esse album, será feita a publicidade nos jornais mais lidos da capital.

Todos os pedidos do *De Profundis* pódem ser feitos á redacção de *A Voz da Instrução*, Praça do Rio de Janeiro, 5. r|chão—Lisboa, ou ao depositario do romance o ex.mo sr. *Teodoro Pombo* conhecido o conceituado comerciante com escriptorio na Rua do Arco do Bandeira, 92. 2.º—Lisboa.

Nutricia de Lisboa

Produtos desta casa a vender em Aveiro:

Extrato de malte em pó, Chocolate com aveia, marca *Cavalo branco;* Café de cevada, Farinha de Nestlé, Alpina, Bledine, Aveia, Cevada e Arroz. Massas alimenticias para regimen. Bolachas, etc., etc.

Alberto João Rosa
33-A, Rua Direita, 33-B
AVEIRO

"A LIBERDADE,,

vende-se

Em **Aveiro**, no quiosque da Praça Luiz Cipriano e na Tabacaria Veneziana, aos Arcos;

Novidade literaria

"Os incendiarios do Baquet,,

Acaba de aparecer este sensacional romance.

A' venda no Porto—Escritorio de Publicações, rua Formosa, 384.

de José Ferreira dos Santos.

A LIBERDADE

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Diretor ALBERTO SOUTO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.
Não se devolvem autografos.
Não se aceita colaboração que não seja pedida.
Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

Portugal, Espanha e Colonias Portuguezas

Ano . . . . . 1$400 réis
(Semestre, 700 réis; trimestre, 350 réis; avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35 e 3 centavos.)
Brazil (moeda forte)
outros paizes da União Postal . . . 2$500 réis
(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

Linha . . . . . 40 réis
Anuaes, contrato com a administração.

Redação e administração
AVEIRO
Praça Luiz Cipriano e R. dos Tavares-1.º andar
(abertas todos os dias das 21 ás 24 horas)

Oficinas Tipograficas
P. Luiz Cipriano e R. dos Tavares—rez do chão.
(abertas todos os dias uteis das 8 ás 19 horas)

Impressão a vapor
LARGO CAMÕES
Administrador
RUI DA CUNHA E COSTA

Advogado

João Ferreira Gomes, professor efectivo do Liceu de Aveiro, e antigo conego da Sé de Vizeu, abriu o seu escritorio de advogado na rua da Revolução, n.º 3, 1.º andar (antiga Avenida Conde de Agueda).

Maria, a Fada do Bosque

—†—

Edição popular, ilustrada e economica

2 centavos (20 réis) cada fasciculo;
10 centavos (100 réis) cada tomo.

Brinde a todos os assinantes, no fim da obra,
Uma estampa propria para emoldurar

O calvario do amor

—†—

E' o titulo dum novo romance editado pela antiga e acreditada livraria Belem & C.ª Suc., de Lisboa, que agora está em distribuição.

Para todas as obras, publicadas por esta casa, está aberta assinatura permanente, podendo os fasciculos ou tomos de qualquer obra, serem requesitados áquela livraria, ou á sua representante no Porto, rua do Heroismo, 254.

A cura rapida da
ANEMIA, C' OROSE, FEBRES PALUSTRES OU SEZÕES,
obtem-se com a

Quinarrhenina

e consideraveis melhoras na **TUBERCULOSE**.

Na **CONVALESCENÇA** da maior parte das doenças é insubstituivel.

Em poucos dias de tratamento constata-se aumento de peso, de apetite e recuperamento de forças.

Não produz perturbações gastro-intestinas como sucede com os outros tonicos.

Premiada nas Exposições de Londres, Paris, Roma, Anvers e Genova com 3 grandes premios e 5 medalhas de ouro.

Na de Barcelona—membro do jnri—as mais altas recompensas.

Frasco 810 réis.

A' venda nas boas farmacias do paiz e colonias.

Depositos: AVEIRO—Farmacia Reis; ANADIA—Farmacia Maia etc., etc.

Deposito geral: LISBOA—Farmacia Gama, Calçada da Estrela, 118.

Tosses E GRIPE curam-se rapidamente com o **Xarope Gama** de creosota lato-fosfatado.

Frasco 610 réis

Depositos: os mesmos da *Quinarrhenina.*

Cartões de visita

em linho, tela e pergaminho executam-se por preços sem competencia nas oficinas tipograficas da

LIBERDADE

Enviam-se amostras a quem as requisitar á nossa administração.

NOVIDADE LITERARIA

CAVANDO A RUINA

NOVELA

POR

RENATO FRANCO

Episodios da vida local

=†=

Preço 50 centavos

Editor--Bernardo Torres

A' venda na Tabacaria Havaneza, aos Arcos.

AVEIRO

"A Tricaninha,,

Ovos moles, mexilhão, peixe de escabeche e outras especialidades.

Peçam tabela de preços.

=†=

BERNARDO TORRES & C.ª
AVEIRO

A LIBERDADE

vende-se:

Em **Londres,** na Libraria Hispano-Americana, Charing, Cross-Road, 134;

Adubos

quimicos, compostos e organicos

Sulfato de cobre puro de 99 a 100 °|o.
Enxofre e flôr de enxofre.
Arames lisos zincados.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
Remetem-se tabelas de preços.

Depositos em Quintãs e Mamodeiro
Virgilio S. Ratola
Mamodeiro

Dois contos de réis

Emprestam-se sobre boa hipotéca em predios desta comarca.

Falar na redacção do *Correio de Aveiro.*

CARTÕES DE VISITA

de todas as qualidades, por preços sem competencia,

executam-se rapidamente nas oficinas de A LIBERDADE

Envia-se o mostruario dos tipos, entre os quais figuram as ultimas novidades, a quem no-lo requisitar.

Para fóra de Aveiro ao preço do cartão acresce o porte do correio.

Todos os pedidos devem ser feitos á administração de A LIBERDADE.

"A LIBERDADE,,

vende-se

Em **Lisboa,** na Tabacaria Monaco, ao Rocio;

DINHEIRO

Sobre letras, emprestase dinheiro em quantias não superiores a 30 escudos e a um, dois ou tres mezes de praso. Juro convencional. Trata-se com a maior discrição e dão-se muitas facilidades.

Dirigir pedidos ou propostas a esta redação onde se informa.

PADARIA MACEDO

Praça do Comercio
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão espanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as delicio sas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterinas, vinhos finos.

Café, especialidade desta casa, a **720** e **600 réis** o kilo.

Empreza Industrial Portugueza

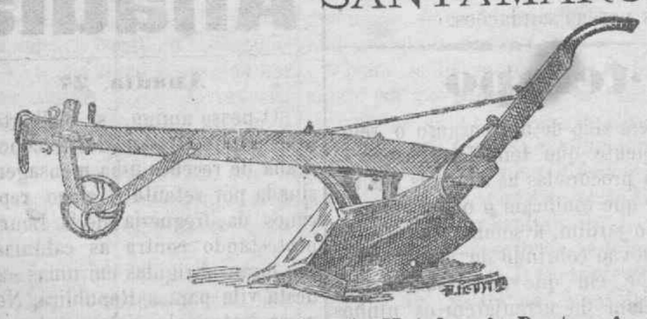
Deposito central

R. 24 de Julho 74-ª a 74-1

Lisboa

Endereço telegrafico

SANTAMARO



A mais importante fabrica de Metalurgia Portuguêsa

Pontes, Caminhos de ferro Via larga e reduzida, prensas hidraulicas para azeite, prensas para vinho, material agricola taes como:

Charruas, Relhas, Ceifeiras, Gadanheiras, Respigadores, Descaroladores, Tararas, Escolhedores, Enfardadeiras, para força mannal a gado ou vapor, etc.

A maior fundição do paiz, de ferro e aço ao convertedor.

Maquinas e motores a gaz pobre, gazolina, etc.

O maior deposito do paiz

Automoveis HUPMOBILE

Camions FEDERAL

Catalogos gratis

FOTOGRAFIA VOUGA

DE

José Romão J.or

R. Manuel Firmino

AVEIRO

Retratos. Grupos. Trabalhos artisticos.

Especialidade em retratos de creanças.

= Ampliações em platina =

Perfeição e modicidade de preços

MOTOCICLETES BICICLETES

MAQUINAS DE COSTURA MAQUINAS DE ESCREVER

AUTOMOVEIS

GRANDE deposito de MOTOCICLETES **Wanderer,** BICICLETES **Woerner** e outras marcas a começar em 21$000 réis, com mala chaves e bomba.

MAQUINAS FALANTES E DISCOS. Maquinas de costura e de escrever, da fabrica **Wanderer.** Todos os acessorios para as mesmas.

Oficina de concertos e reparações rapidas e garantidas. Garage para reparações e pernoita de automoveis. Oleos e gazolina.

Aluguer de bicicletas, motocicletes e automoveis.

Grande deposito de calçado em todas as cores e qualidades. Alfaiataria, aonde se executa toda a obra para homem, senhora e creança e os celebres gabões de Aveiro e sobretudos da moda.

Agente de automoveis "Charron,, e "Darraq,,

As MOTOCICLETES **Wanderer** foram as que tiveram o grande triunfo do circuito do Minho.

As BICICLETAS **Woerner** teem sido premiadas em todas as exposições onde teem concorrido.

Podem ser procurados em todas as feiras de 15, em Santo Amaro, (R. do Calçado)

ABEL GUEDES DE PINHO & C.ª — Ovar